



Dobadeiras de sêda

Offerecemos a gravura que representa as «dobadeiras de seda» de uma antiga fabrica de Inglaterra, com a intenção de aproveitarmos o ensejo de dizer duas palavras acerca da ultima exposição de sericultura do Porto, e da Universal de Paris com referencia á industria de seda.

A exposição de sericultura do Porto do anno corrente de 1867 foi mais concorrida que a de 1866, e apresentou notaveis aperfeiçoamentos. Deixaram, é verdade, de apparecer muitos expositores na ultima, que tinham apparecido na de 1866; mas em compensação appareceram na deste anno muitos expositores novos. — Os objectos expostos são da seguinte natureza: meadas de seda; casulos; folhas de diversas especies de amoreiras; instrumentos e machinas. — Entre as meadas de seda encontram-se algumas da proveniente de bicho da raça piemonteza, e de raça japoneza cruzada. Apresentou-se tambem seda produzida pelo bombyx yama-main (que se sustenta com a folha de carvalho do nosso paiz) recentemente introduzido em Portugal. — Os districtos representados na exposição do Porto neste anno são os seguintes: os do Porto, de Aveiro, de Vizeu, de Villa Real, de Santarem, de Lisboa, de Braga, da Guarda, de Bragança. — Tudo faz esperar que a industria da seda se desenvolverá em Portugal, e principalmente nas provincias do norte; e bem para desejar é que se realice esta esperanza. Já se distinguem alguns nomes de cavalheiros que hão tomado a peito o desenvol-

vimento de tal industria, taes como os dos srs. Eduardo Moser, barão de Nova Cintra, Jacinto Pereira Valverde e Vasconcellos, etc. (Veja a interessante noticia que o illustrado correspondente do *Jornal do Commercio* dá no n.º 4149 do mesmo jornal).

Na exposição universal de Pariz ressentese o artigo seda de França da fatal molestia que tem acommettido o bicho. Tem sido necessario recorrer ás sedas do norte da Italia; mas ainda esse recurso foi insufficiente, e estendeu-se a busca de tal artigo ao littoral do Mediterraneo, ás Calabrias, á Asia menor, ás montanhas do Libano, e ainda por fim mais longe, a Bengala, á China, ao Japão.

Oitocentos annos antes de Christo já a China tecia estofos de seda. É naquelle vastissimo paiz, que a França faz o seu maior provimento de sedas; e ainda hoje o fabrico da seda é a industria nacional dos chinezes. Cre-se tambem que o Japão prima nesta especlalidade, e já na Exposição Universal de Paris se apresenta brilhantemente. — A insufficiencia da produccão fornecida pelo bicho sustentado pela folha da amoreira, fez que naquelles paizes se recorresse ás sedas menos estimadas dos bichos do carvalho e do carrapateiro, recentemente introduzidos na Europa.

Pois que a nossa estampa representa as dobadeiras de seda, devemos notar uma circumstancia a respeito da China. Parece que aquelle paiz

vê com desprazer a exportação da seda crua, com o receio de que uma parte da sua população fique privada do trabalho da fiação, ao qual está habituado.

PORTUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

(Continuado de pag. 326)

A vida portugueza, como eu disse, tem tres grandes focos, podia mesmo dizer quatro, accrescentando Braga, onde parece concentrar-se a influencia das velhas idéas clericas. Em parte nenhuma do mundo foi o clero mais poderoso em certa época do que em Portugal. Para assegurar o seu dominio, envolveu o paiz numa rede de capitulos e de conventos que penetravam, debaixo das mais variadas formas, até na intimidade das familias. A sua opulencia accrescentava-se á medida que o Estado se empobrecia; os prelados tornaram-se ricos e poderosos senhores, tendo, debaixo das suas ordens, uma milicia de monges e de conegos, que achavam no fundo do claustro ou nas cadeiras duma cathedral todas as delicias duma vida abundante e ociosa. A virgindade tornou-se uma profissão, para a qual as meninas se preparavam desde a mais tenra idade; aos seis ou sete annos eram confiadas a alguma velha parenta encarregada de as iniciar nos encantos da vida contemplativa, donde não era banida a ambição. Esta existencia clerical tanto se desenvolveu que ia abafando a sociedade civil; dir-se-hia em certos momentos que a familia não subsistia senão para o recrutamento da santa milicia.

Quando a sociedade se mostrou, no movimento moderno, decidida a destruir os privilegios, todo esse mundo de privilegiados se assustou. Não era uma ameaça contra o principio mesmo da sua organização? O que succederia a essas existencias feudaes, se os seus recursos se esgotassem? Na lucta do absolutismo com a liberdade, o clero tomou partido pela immobildade, dando a D. Miguel o soccorro da sua poderosa influencia sobre as massas. É verdade que em frente do clero miguelista organisou-se outro constitucional; mas esse não reunio senão os proletarios da batina, a que se juntaram alguns ambiciosos logrados, e alguns revoltados; os ricos, e os poderosos resistiram. D. Pedro, depois da sua victoria, não se deixou enganar por todas as submissões apparentes, e em 1834 despedaçou essa terrivel organização; o bispo e o padre foram respeitados, mas os seus privilegios foram destruidos. Os religiosos, expulsos dos seus conventos, que se fecharam, tiveram de refugiar-se nas fileiras do clero regular; só as freiras conseguiram terminar os seus dias no claustro. Os mosteiros e as suas dependencias foram declarados bens nacionaes. Como medida financeira, se consultarmos as adjudicações em que esses bens foram vendidos, veremos que o governo fez uma triste especulação; mas o resultado politico obteve-se. Póde-se lamentar apenas que monumentos como o convento de Thomar, o mostei-

ro de Alcobaça, a cartuxa do Bussaco, que poderiam servir para estabelecimento de invalidos, para a criação de escolas publicas, se achem hoje na mais deploravel ruina, porque ninguem delles cuida. Por muitas vezes se tem tentado remediar os inconvenientes desta medida; tudo até hoje foi inutil. Ha pouco tempo a vida de comunidade tentava fazer uma nova apparição; apresentava-se debaixo da sua forma de certo mais sympathica, debaixo das formas das irmãs da caridade. Os lazarettos que acompanharam as primeiras religiosas a Lisboa poderam ver o movimento de repulção geral que se manifestou. Quiz alguém apresentar este movimento como dirigido contra a influencia franceza. Era engano; Portugal não queria conventos, fossem elles quaes fossem. Ninguem menosprezou a tocante sollicitude das nobres padroeiras da obra, mas acima de tudo estava este pensamento: «Nada de vida monastica.»

Se tivéssemos de julgar o passado do clero pelo seu presente, formariamos uma singular idéa dos costumes dessa classe que se dava por modelo. Esses costumes já não impressionam o portuguez, apesar do que teem ás vezes de escandaloso; o presbyterio povoado de primas e de sobrinhas já a ninguem espanta; ninguem nota estas pseudo-paternidades. O padre, sobretudo no campo, não aspira a desfructar uma vida especial; prefere perder-se na multidão. A pouco e pouco mesmo foi abandonando o seu fato; apenas o conhecem por uma orla azul ou branca na sua gravata preta. O padre prior é quem usa as melhores botas de montar, e as mais bellas esporas. O parochio, misturando-se com as suas ovelhas, compra cavallos nas feiras e vende foguetes nas festividades religiosas. Todos conheceram entre Coimbra e Porto, um joven padre, perfeito patusco, que, saindo da igreja, se transformava em empreiteiro de obras publicas, levantando pontes, abrindo vallas, levando, enfim, com o chicote na mão e o charuto na boca, a vida menos canonica do que laboriosa do conductor de caminhos de ferro. Tambem todos os tribunaes da Beira conhecem certo prior, habilissimo advogado, que põe a sua eloquencia ao serviço dos seus parochianos, não gratuitamente, bem entendido, e que não escrupulisa em os abandonar, logo que o papel sellado começa a abrir grande brecha nas suas economias. Não se dá grande importancia a tudo isso, mesmo quando se trata de escolher um confessor, porque todos os portuguezes, pelo menos uma vez por anno, cumprem os seus deveres religiosos. A acreditarmos os boatos publicos, este estado de dissolução do clero portuguez já é um melhoramento. Com franqueza, é ser pouco exigente. Essa vida de ciganos hade esfriar o zelo dos crentes; mas quando esse resfriamento se manifesta, logo se organisa uma prégação, cujo estylo trivial e terrivel nunca deixa de produzir effeito. Chamam-se alguns capuchinhos pré-gadores que, especulando com a ignorancia das populações, as fazem estar dias inteiros attentas ás narrações dos jubilos e dos tormentos da vida futura.

Fazem-lhes passar por diante dos olhos todas as festas do Paraizo, ou derramam-lhes em ondas sobre a cabeça o chumbo derretido, e o pez fervente do inferno. Essa multidão de serranos (*montagnards*) e de marnotas (*ouriers des salines*) está na igreja, fremente e batendo no chão lageado com a fronte coberta de suor; depois um magnifico fogo de vistas vem coroar a prédica; pelo menos metade do effeito oratorio é devido aos foguetes e aos fogos de Bengala. Se ainda não bastassem estes meios recorrer-se-hia ao milagre que não encontra um só incredulo.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

UMA FORMOSA PAGINA DA PHILOSOPHIA ANTIGA

Um valente orador sagrado portuguez, o grande Padre Antonio Vieira, fallando do homem que devéras se resolve a deixar o mundo ao mundo, e a acabar a vida antes da morte, exprime-se nestes eloquentes termos:

= De quantos quebrantamentos, de quantas molestias, de quantas sem rasões se livra quem está já morto? O epitafio que eu puzera a um morto destes, he aquelle verso de David: *inter mortuos liber*. — Livre de cuidados do mundo, porque já está fóra do mundo. Livre de emulações e invejas; porque a ninguem faz opposição. — Livre de esperanças e temores, porque nenhuma cousa deseja. Livre de contingencias e mudanças; porque se isentou da jurisdicção da fortuna. Livre dos homons, que he a mais difficultosa liberdade; porque se descattivou de si mesmo. Livre finalmente de todos os pezares, molestias e inquietações da vida; porque já é morto. =

Assim é; — e difficil fóra exprimir mais energeticamente estas verdades salutaes. Mas o homem vive no meio da sociedade, e tem obrigação de contribuir com o seu contingente de esforços, de serviços, de trabalho para o bem geral da communiidade, sob pena de ver desconjunctadas as associações politicas, — o que irremissivelmente succederia, se cada individuo se retirasse da planície onde se peleja a batalha da vida, e se refugiasse na fortaleza onde se acastellam os cobardes.

Suppondo, pois, como não póde deixar de suppor-se, que o homem vive no meio dos embates do mundo, e toma parte nas lidas da direcção das cousas publicas, — surge desde logo a necessidade de uma philosophia mais varonil, mais practica, mais effectiva.

Debaixo deste ponto de vista, é summamente notavel a bella pagina que antiguidade nos legou:

= Os homens que passam a vida no meio dos negocios, e querem ser prestaveis a si e aos outros, encontram por toda a parte obstaculos e perigos inesperados, perpetuos e quasi quotidianos. Para acautelar e desviar taes perigos, é necessario estar sempre em guarda, de sobreaviso e alerta, como os athletas no combatte do pancraccio. Os athletas, desde que se dá o signal da peleja, apresentam-se com os braços estendidos, e escudando a cabeça com as mãos, á maneira de baluarte: todos os seus membros, ainda antes de romper o combatte, estão preparados, ou seja para aparar os golpes, ou para os dar no contendor. — Assim, a alma do homem discreto, sem-

pre attenta ás violencias e ás injustiças de todo genero, que o aguardam em todos os lugares e em todos os tempos, deve estar na defensiva, em guarda, e prestes a obrar; cumprindo-lhe não cerrar os olhos no meio dos perigos, mas sim assestar todo o vigor da intelligencia e do pensamento contra os golpes da fortuna, e contra as insidias dos perversos, — afim de que um incidente funesto não cáia sobre nos de improviso, e sem estarmos apercebidos. =

Quereis saber onde se encontra este varonil conselho? Refere Aulo-Gellio que lêra estas masculas expressões no livro *De Officiis* que o philosopho Panætius escrevera, e que depois Cícero imitára com tamanho ardor e trabalho. (1)

Não nos ensoberbecâmos com as honras do mundo, nem lhes sacrificuemos jámais a dignidade de homem e a virtude; não nos esqueçâmos nunca de que a nossa vida é o sonho de uma sombra; mas, enquanto representarmos no theatro da existencia, e lidarmos — em qualquer escála — na direcção dos negocios da communiidade, repassemo-nos dos fortes pensamentos que a philosophia da antiguidade nos transmittio.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

AS LETRAS E OS LITTERATOS

Considerações da actualidade

(Continuado de pag. 329)

Effectivamente vae travada uma lucta a todo o transe entre os productores e consumidores da mercadoria litteraria. Aquelles a facilitarem por todos os modos a procura, estes a menospresarem sempre a offerta. Os auctores a fazerem milagres de barateza na venda dos seus manuscriptos, os editores a baratarem o mais possivel o preço das suas publicações, e o leitor, na sua ferrenha tenacidade de não ler, ou antes de não comprar porque, ainda dos poucos que lêem, grande parte só por emprestimo adquire os livros!

E falla-se do baixo preço das edições francezas! e repete-se cada dia com entono esta asserção, como para justificar o pouco consumo das obras portuguezas!

Os livros em França, que, quasi sempre, só se tornam baratos depois de esgotadas as primeiras edições de elevado preço, apesar de terem por mercado o mundo inteiro, não apresentam essa differença sensivel que vulgarmente se julga, em comparação das publicações baratissimas de algumas empresas editoras de Portugal; e fiamos que, se o gosto da litteratura se desenvolvesse na proporção que comporta ao tamanho do nosso paiz, os editores poderiam facilitar ainda mais a aquisição das suas obras com maior interesse para elles e para os auctores.

Mas ter-se-ha em Portugal explorado, tanto quanto é possivel, este tão útil ramo de commercio? Ter-se-ha alargado o mercado litterario, como cumpria, até a esse paiz de além-mar, que é nosso irmão pela linguagem e pelas tradições, pondo as obras classicas ao abrigo das contrafac-

(1) Veja as *Notas Atticas*. Liv. 13.º cap. 27. — *Vita hominum, qui vitam in medio rerum agunt, ac sibi suis que esse usui volunt, etc.*

ções e abrindo larga venda para as obras passageiras?

Estamos certos que não.

A entidade editor nasceu ainda hontem apenas entre nós. Está tímida e balbuciante ainda. Não tem animo nem capitaes para grandes committimentos; contenta-se com modestos lucros e não ousa alargar os horisontes das suas perspectivas commerciaes. Se a alguns não escasseia o alento, não lhes sobram tambem os cabedaes disponiveis. A iniciativa individual é, em todo o caso, escassa para alcançar o fim.

Restava um meio apenas; e esse efficaç e salutar. É a federação das forças cooperativas.

Que cada editor conserve a sua autonomia commercial, que viva vida independente, guerreando os interesses dos collegas, e rivalisando com elles na esphera do commercio licito, mas que todos concorram e conspirem para o util fim de fomentar e desenvolver o gosto pela leitura!

O nosso povo é andolente e inerte, como o é ainda mais o povo brasileiro: não têm estes paroxismos de fervido entusiasmo, que levam a multidão, avida da novidade, a acotovelar-se á porta do editor! pois bem! vá o editor á casa dos leitores... É mister, para que elles leiam, levar a condescendencia a por-lhes o livro na mão: faça-se assim!

Que a associação federal dos editores crie *com-mis-voyageurs* para percorrerem as provincias do paiz, a agenciarem em cada terra um correspondente, não d'este ou d'aquelle editor, mas de todos elles, fazendo convencer esses homens, eivados de preconceitos, de que o commercio de letras nem é inglorio, nem ridiculo, nem improductivo: que vão bater a cada porta, fazendo a exhibição da sua mercadoria, e mendigando em cada casa um leitor, já que tanto é preciso!

Semeiem assim os livros de todos... e depois deem embora largas ás rivalidades, que os afastam uns dos outros! Não ha inimigos tão encarniçados, que não concedam treguas reciprocas quando advem d'ahi communs interesses!

É para o Brazil? Para o Brazil basta um homem apenas. Pois seremos nós tão infelizes como Diogenes, que entre os tres milhões e tantos mil habitantes do reino procuremos debalde esse homem, de quem só se exige actividade, intelligencia, e ambição de enriquecer honradamente?

Vá um correspondente de todos os editores estabelecer-se na capital do imperio americano, zelando com imparcialidade os interesses de todos os seus constituintes por interesse proprio; explore e eduque o leitor nas povoações do novo mundo, por modo analogo ao indicado para as terras do reino, e ver-se-ha o mercado litterario prosperar, não em proporções assombrosas de opulencia, incompativel com a mesquinhez relativa da população dos dois mundos que conhece a lingua portugueza; mas de modo muito mais lisongeiro para os interesses commerciaes dos editores e para a vida real das letras patrias.

Accusar-nos-hão, talvez, de utopistas n'estes re-

ursos tão simples que temos apontado: embora! Afrontando o epitheto, levaremos mais longe a ousadia! Que a federação editora offereça um premio pecuniario avultado, formado por colisação em commum, áquelle que, no fim de cada anno, poder provar ter sido quem mais livros de edições portuguezas comprou. Os meios de regular este concurso parecem-nos faceis; e por alguns centos de mil réis despendidos, affluiria aos cofres dos editores avultada colheita da semente espalhada; e ainda quando os lucros se não offerecessem a principio, ir-se-hia preparando o terreno para dar, mais tarde, abundante producção ao semeador.

Só estes alvitres, que, ao correr da penna, abifam exarados, poderão salvar a nossa litteratura da funesta e injustificavel decrepidez, em que vae caindo marasmada.

Um facto importante se está dando no paiz, com relação ao desenvolvimento do gosto da leitura. É a vulgarisação do jornalismo baratissimo; mas—digamol-o sinceramente—o jornalismo, que tem outros e importantes destinos a cumprir na civilisação dos povos, representa, com relação ás bellas letras, o mesmo papel que o amargo dado a um enfermo para lhe abrir o appetite. Não é alimento aquillo... é estimulo para facilitar-lhe a digestão dos alimentos. O *ceci tuera cela* não póde applicar-se ao jornalismo com relação ao livro, no que respeita á litteratura. As folhas soltas do jornal podem ser petalas, desfolhadas pelo sopro da publicidade, mas a flor perfeita e cultivada com esmero só no livro se encontra!

Dissemos que era injustificavel a decadencia da nossa litteratura, e não é difficil demonstrar a asserção.

(Continua)

C. B.

A SALUTAR VIGILANCIA EXERCITADA PELOS CENSORES DA ANTIGA ROMA

Nas *Noites Atticas* de Aulo Gellio encontro a seguinte passagem, que fielmente traduzo:—Ser negligente na cultura do seu campo, deixal-o reduzir a ruim estado, não o lavrar, nem alimpar, nem mondar; não cuidar do bom entretenimento das arvores, nem do amanho das vinhas... eram em outro tempo estas omissões outros tantos delictos, que a Lei punia por intervenção dos Censores, os quaes comminavam aos culpados a privação do direito de suffragio.—Se um cavalleiro romano apresentava um cavallo magro e maltratado, ficava exposto á nota de *impolicia*, que tanto quer dizer como *incuria*, *desmazelo*. Os estylos que mencionámos são attestados por mais dum testemunho; e frequentes vezes se falla delles nos escriptos de Catão. = (1)

No texto latino ha uma phrase, que necessita de explicação: *Censoresque aerarium faciebant*. — Chamavam-se *Aerarii* os plebeus que haviam soffrido, como pena, a privação do direito de suffragio, e que só conservavam, da qualidade de cidadão, o encargo de pagar o imposto. Nesta conformidade, traduzimos aquella phrase, dizen-

(1) *A. Gellii Noctium Atticarum Commentarius*. Lib. IV. Cap. XII.

do: os Censores comminavam aos culpados a privação do direito de suffragio.

Os Censores reprehendiam os cidadãos, não só por se mostrarem descuidados na cultura dos campos, senão também por se conservarem celibatarios, por serem perjuros, por serem devedores infieis ou negligentes; e chegava a tal ponto a sua authoridade moral, que puniram com a mesma pena de censura ou reprehensão um Consul, que menos recatadamente dera um beijo em sua mulher na presença de sua filha.

Cicero refere que uma tão severa magistratura enchera, nos primeiros tempos, de terror os romanos: *horum enim severitatem dicitur inhorruisse primum civitas.* — O mesmo Cicero acrescenta, que a decisão ou sentença dos Censores apenas

infligia vergonha e pejo ao condemnado; e por quanto uma tal penalidade se resolvia em uma certa mancha nominal, o castigo que em tal caso se applicava, tinha a denominação de ignominia: *animadversio illa ignominia dicta est.*

Admiravel associação de idéas! observa finalmente o douto traductor da *Republica* de Cicero: aquella magistratura que fazia tremar Roma, só comminava penas de opinião, e era unicamente o órgão de um ponto de honra publico! Grande povo era aquelle, que se intimidava com uma tal penalidade! (2)

A Deus praza que a consciencia de cada um de nós, tão severa como a *Censura* dos antigos romanos, nos inspire sempre o sentimento do dever moral!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



Um quadro de Pareja

Diego Rodriguez *Velasquez* de Silva, famoso pintor castelhano, descendente de familia portugueza, nasceu em Sevilha a 6 de junho de 1599, e falleceu em Madrid a 7 de agosto de 1660.

Este distincto pintor, quando em 1628 foi chamado a Madrid, tinha ao seu serviço um mulato (escravo herdado ou comprado) por nome — *Juan de Pareja* (nasceu em Sevilha no anno de 1606, e falleceu no de 1670). Pareja tinha ao seu cuidado moer as tintas, preparar os pinceis, conservar aceiada a officina de *Velasquez*; mas, ao occupar-se deste serviço, verdadeiramente servil, sentia em si uma natural disposição para a arte

que seu amo cultivava, e muito em segredo, e sempre que tinha oportunidade, entregava-se ao desenho, e punha toda a attenção em copiar as pinturas de *Velasquez*. Succedendo a acompanhar este ultimo nas viagens á Italia, ali, na patria das bellas artes, deu Pareja o remate á sua educação artistica, e se habilitou para tambem ser pintor.

Um dia, e á hora em que Pareja concluia um quadro, acertou de passar Philippe IV (a scena

(2) *La République de Cicéron traduite d'après le texte découvert par M. Mai avec un discours préliminaire et des suppléments historiques...* par M. Villemain.

representava-se nos paços reaes). Pareja teve apenas tempo de voltar para a parede o seu quadro; mas não foi tão rápido esse acto, que Philippe IV não o podesse notar, e não se deliberasse a perguntar o que era aquillo. Pareja lança-se de joelhos, pede a Philippe IV que lhe perdõe, e mostra ao soberano o quadro (é a copia delle que a nossa estampa representa), em que a rainha está recebendo das mãos de seu esposo um collar de ouro para lançar ao pescoço de Velasquez, que havia concluido o retrato da mesma rainha.—O soberano vio o quadro, considerou-o attentamente, e disse por fim: *Não mais deve ser escravo quem possue tamanho merecimento.* — Velasquez não contradisse o soberano: Pareja veio a ser o seu melhor discipulo.—A principal pintura de Pareja, a sua obra prima é a *Vocação de S. Matheus*, que se vê em Aranjuez. As demais pinturas encontram-se pela maior parte em Toledo e em um dos conventos de Madrid.

BEATRIZ

Scenas da vida íntima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 330)

XXI

No dia seguinte áquelle em que se passaram essas scenas, uma numerosa caravana ia para a lagoa das Furnas. Beatriz montava um formoso cavallo preto. Seguiam-na alguns cavalheiros, entre os quaes se via D. Fernando. Estavam pessimos os atalhos que conduziam então para o lago. O solo era inclinado, desigual e pedregoso; Beatriz, porém, affeita aos exercicios equestres, destemida e louca de contente doudejava com o seu cavallo, ora esporeando-o para metter a toda a brida, ora chegando-lhe com o chicote para o fazer saltar. O conde era o unico homem, que se atrevia a acompanhá-la de perto; todos os outros achavam mais prudente miral-a de longe. D. Fernando levava os olhos fitos na formosa menina; o mais leve movimento, que ella dava na sella, sobresaltava-o. A anciedade da sua alma lia-se-lhe no rosto. Todavia, Beatriz sorria dos seus terrores, pueris lhe chamava ella; comtudo sabia mais do que muito o perigo que corria, mas creança doudejante dava-se por bem paga com o prazer de conhecer o cuidado que por ella tomava o conde.

Quando chegaram á pequena praia, que fica da parte das aguas thermaes, Beatriz começara a sentir que o passeio tivesse acabado. As sensações que, durante elle, se lhe haviam despertado no coração, terminaram e a fronte do conde serenara-se. Depressa, porém, teve ella outro ensejo de lhe levantar n'alma novos temores. O seu cavallo espantou-se dos eccos do valle, que repetiam os sons das armas de varios caçadores e do temeroso estrondo das aguas thermaes, que ali brotam fervendo em cachão e impregnadas de enxofre. De repente deu uma volta para traz, comtudo, Beatriz, sem se desconcertar na sella, voltou o para a mais medonha d'essas nascentes, cuja circumferencia teria 10 metros e, tocando-lhe o chicote e com as esporas obrigou-o a saltá-la, indo ficar do lado opposto, sobre um terreno de pedra pomes, em que o mais curto furo dá aso a rebentar agua em borbulhões. Todos esses movimentos foram obra de momentos, que

para o conde correram amargurados pela mais horrivel anciedade. Todavia, ella conservou-se sempre impassivel, ostentando o garbo de uma amazona mui graciosa. D. Fernando pallido ainda pelo temor, que o tomara, apeara-se do seu cavallo, para ajudar a desmontar-se, mas Beatriz, antes d'elle a descer do seu cavallo, entregou as suas redeas ao creado que a acompanhava e metteu-se n'um dos botes do lago.

Beatriz gostava de brincar com o seu cavallo, mas n'aquelle dia, ebria de amor, passara a praticar extremos de loucura; é que ella sentia trasbordar-lhe a alma de prazer e carecia de agitar-se para dar-lhe expansão e furtar-se desta arte a ter com o conde uma explicação que a havia de enleiar sobremaneira.

No barco entraram com Beatriz duas senhoras, que eram surdas como as plantas aquaticas que o cercavam, e dois cavalheiros, que entendiam italiano, como as aves que esvoaçavam por sobre as suas aguas. Assim os dois amantes podiam fallar com plena liberdade.

D. Fernando procurara de balde desde o principio do passeio conversar com Beatriz; é que elle sentia um impulso invencivel, que o levava a abrir-lhe os mais reconditos sentimentos da sua alma. Aproveitou-se pois do ensejo e começou a fallar-lhe da sua profunda tristeza, das aspirações do seu coração e do desejo de encontrar na terra o typo ideal dos seus sonhos.

Beatriz ouviu-o com a religiosa attenção de quem não queria perder uma unica palavra do que elle lhe dizia e, quando elle acabou de fallar, respondeu-lhe.

—Não sabes, Fernando, como eu te agradeço do intimo d'alma o que me dizes. Desde o primeiro dia, em que te vi, comecei a sentir-me prender pela melancolia que divisava em ti. Esse sentimento meigo e suave, que desde a infancia me embalava em doces sonhos e poeticos devancios, enlaçou o meu coração ao teu, para formar das nossas almas, uma só alma para o amor. Temia-me, porém, que magoas d'amor te melancolisassem assim. A' minha imaginação receiosa antolhava-se que aquelle magico poder, que tu tinhas sobre mim, já outro o teria exercido sobre ti. O meu amor, pois, como vés, nasceu sem esperanças e o que é maior prodigio, cresceu sem ellas.

Beatriz, no principio do passeio, estava sobremodo embaraçada; se ella então quizesse soltar uma só palavra, ser-lhe-ia impossivel. Todavia, quando o batel começou a deslizar pelas serenas aguas do lago e os sons harmoniosos dos instrumentos se casaram com as vozes sonoras das suas companheiras, para fazerem soar os echos do valle com suaves melodias, Beatriz sentio se tomar por uma amorosa exaltação, que a levou a revelar alto o que lhe ia no seio d'alma.

O estado de D. Fernando, ao ouvir aquellas phrases de Beatriz, era indisivel. De ha muito, o coração lhe revelara a affeição de Beatriz, comtudo aquella ingenua confissão de amor, feita por uns labios formosos e virgens de affectos, teve para elle encantos que lhe fizeram sentir as mais suaves commoções.

A todas essas phrases dava realce aquelle tu, que na boca da mulher que se ama é uma das mais encantadoras cousas deste mundo. Como se atrevera, porém, Beatriz a dal-o? não sei; o que sei é que ella, sem querer e sem ter con-

sciencia do que dizia se achou tratando assim o conde, que acolhe *aquelle tu* com mais ineffavel prazer do que receberia um titulo de imperador e o tratamento de magestade. E' que os sentimentos intimos, nos actos mais singelos da vida fazem sentir as mais gratas commoções.

Beatriz, ao acabar essa declaração, por uma reacção muito natural, caia n'um estado de abatimento e sentio-se córar até a raiz dos cabellos. A esse dialogo tão apaixonado succedeu pois o silencio. No batel não se ouviu por largo espaço senão o ranger da mastreação e o correr da agua. Depois, porém, ella levantou a fronte pallida e consternada e disse:— Fernando, a tua imagem era para mim o typo ideal dos sonhos da minha infancia, quando junto á lareira me contavam contos de fadas, em que contavam por heroes grandes senhores, eu sonhava sempre com um conde ou com um principe; que eras tu mesmo. Hoje, vejo-te, sinto-te ao pé de mim e tudo isto me parece um sonho; mas um sonho, em que sou tão feliz!... Esta felicidade, porém, não póde durar muito. Tu és grande, aspiras á gloria, não podes nem debes limitar-te ao nosso viver de provincia, sacrificar-me as mais nobres aspirações do teu espirito tão alto.

—Que dizes Beatriz?! Por ventura já te sou importuno? Ha tão pouco tempo que me amas e já pensas em me esquecer?! Acaso não sacrificarias tu todas essas aspirações se fosses homem?! Fallas-me de gloria! Mas não te amo eu mais do que ella, tanto como a honra como a patria, como Deus?

—Sacrificava-te sim, vida, patria e gloria. Rainha que eu fosse, amar-te-ia meçanico. Mas eu sou mulher e a mulher só vive para amar; tu, porém, és homem, tens outros deveres.

—Outros deveres Beatriz?! O dever do homem de bem é servir a causa da verdade. Grande na Allemanha dedicar-me-ia ao seu serviço, como simples fidalgo nos Açores a servirei n'esta terra, a que me prendem os mais doces laços do coração. Viveremos aqui Beatriz?

—Neste lago e sós, replicou Bertriz, comprazendo-se de phantasiar um castello no ar com D. Fernando.

—Sim n'este lago e sós. Tu serás a dama do lago.

—E tu o cavalleiro do lago.

—Faremos d'este sitio o paraíso do nosso amor. Cobriremos essas montanhas, que o cercam, de formosas arvores, abriremos ruas atravez d'ellas, que havemos de orlar de hortencias e flores mimosas; plantaremos além, n'aquella planicie, um jardim. Ali naquella montanha edificaremos o nosso solar. Percorreremos todas essas cercanias a cavallo e sós; mas tu has de andar socegada? não? não me has de assustar como ainda agora?

—Não.

—Promettes?

—Prometto.

—Arborisaremos todas essas montanhas até o Pico da Vigia, para ir lá matar saudades do mar.

—Saudades do mar, conde, ou de alguma dama d'além mar, amores teus lá de Allemanha, acrescenta Beatriz, entre ciosa e risonha.

—Já ciumes Beatriz?!

—Não são ciumes, Fernando, mas, tu conde da minha alma, has de ter dó de mim, não me has de dar occasião de soffrer?

—Não.

—Juras-m'o?

—Juro-te pela memoria de minha mãe, pelo nome de meu pae e pela minha honra de fidalgo.

Quando o conde acabou de proferir estas palavras, a lua prateava as aguas do lago, o batel corria ligeiro sobre ellas. Então uma rajada de vento inclinou-o repentinamente para um lado. Beatriz, instinctivamente, lançou os braços em torno da cintura do conde. Com este movimento mui rapido caio-lhe no barco o chapéo, os seus cabellos soltaram-se e o vento levou-os a baterem nas faces do conde, que uma segunda rajada fez approximar tanto d'ella, que elle sentio uma força irresistivel e mysteriosa leval-o a imprimir um beijo ardente n'aquelles cabellos tão caros como formosos. A vela do barco que se achava entre elles e os outros passageiros não deixou estes verem o que se passava entre os dois amantes.

Poucos instantes depois desse que para o conde encerrava maior felicidade do que toda a que tivera na sua vida, Beatriz saio do barco, encostada no seu braço, mui differente do que para lá entrara. Ninguem diria que era a ligeira e vaporosa amazona, que pouco antes saltara para o batel. Caminhava vagarosa e languida. O seu ar era grave e melancolico. Parecia não querer apressar um só minuto dos que tinha ainda para estar com D. Fernando. e que, soffrega do tempo que para ella corria veloz, era avarenta de todos os momentos para lograr, a seu sabor, os sentimentos que então se lhe despertavam no coração.

Para montar a cavallo, esperou que o conde a ajudasse e partio a galope com elle, adiante dos seus companheiros, tão sómente para se afastar delles alguns passos.

Ao chegar ao valle, o conde pedio-lhe uma lembrança d'aquelle dia. Esta noite, disse ella, ás dez horas debaixo da minha janella e dar-t'a-hei. O conde foi exacto á hora aprasada e recebeu uma carta, que levou aos labios com alvoroço. Dentro della vinha uma trança d'aquelles cabellos, que nesse mesmo dia beijara com tanto amor.

(Continua)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

CURIOSIDADE HISTORICA A RESPEITO DO DIVORCIO

O primeiro exemplo de divorcio, que a historia de Roma apresenta, é o de Spurius Carvilius, cidadão romano da classe dos nobres, — o qual, no anno 523 depois da edificação da cidade (231 annos antes da era christã), repudiou legalmente sua mulher.

Mais de cinco seculos decorreram pois em Roma, sem que houvesse um só exemplo de divorcio! O que, porem, se torna sobremaneira notavel, é que o mencionado Spurius Carvilius vivia na mais completa harmonia com sua mulher, e só rompeu os donosos laços que o ligavam á sua companheira virtuosa, porque desejou mostrar-se fiel á palavra que havia dado aos magistrados.

Ouçamos Aulo-Gellio, — historiador deste facto singular:

— Servius Sulpicius, no seu tratado — *Dos doctes* —, nos diz que sómente fóra reconhecida a necessidade de exigir caução pelos bens dotaes, desde que Spurius Carvilius, por appellido — *Ruga* — homem de nascimento nobre, se divorciou de sua esposa, pela razão de ser ella esteril. Este

divorcio effeituou-se no anno 523 da fundação de Roma, sendo consules M. Atilio, e P. Valerio. Conta-se que este Carvilius vivia em perfeita união com a mulher que repudiou, e a quem amava com ternura por suas excellentes qualidades e caracter; mas, que sacrificára o seu amor á religião do juramento, não querendo quebrantar o empenho que tinha contraído, quando, em presença dos Censores, jurára que ia casar para ter filhos. = (1)

Infeliz Carvilius! Pelo mais deploravel excesso de pundonor, por um falso ponto de honra, deu de mão a um dos maiores thesouros da terra, qual é o de possuir uma esposa virtuosa!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Descobrimientos dos Portuguezes nos seculos XV e XVI. Cousas que os determinaram, sua importancia, e consequencias mais notaveis que delles resultaram. Por A. F. Marx de Sori. Lisboa, 1867. Typ. de Castro Irmão.

Este livrinho, a todos os respeitos bellissimo, refere-se á época mais brilhante e gloriosa da historia de Portugal, qual é a dos seculos XV e XVI, em que os portuguezes illustraram para sempre o seu nome por meio de ousados descobrimientos maritimos, e apresentaram á admiração do mundo uma galeria de grandes homens, honra da humanidade, e inveja dos demais povos da terra.

O sr. Marx de Sori expõe primeiramente as causas que determinaram os famosos descobrimientos dos portuguezes, acrescentando áquellas que o chronista Azurara aponta outras que aviadamente lhe occorrem; apresenta depois, de um modo engenhoso, a substancia desses descobrimientos; e, afinal, expõe as censequencias mais notaveis que de taes factos resultaram.

É donoso espectaculo ver desfilar diante de nós os magestosos vultos de D. João I, do preclarissimo Infante D. Henrique, de Bartholomeu Dias, de D. João II (substituindo o nome de *Tormentoso* pelo de *Boa Esperança* do extremo cabo africano), do immortal Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de D. Francisco de Almeida, do incomparavel Affonso de Albuquerque, — e de tantos e tantos outros portuguezes que nas paginas da historia deixaram um rasto luminoso.

Não ha duvida que os gloriosos descobrimientos dos portuguezes, e os bellos feitos dos dois seculos, estão gravados nos escriptos dos chronistas e historiadores; mas o sr. Marx de Sori tem o grande merecimento de coordenar as nossas recordações, e de inflamar o nos o patriotismo, traçando elegantemente, e com a vivacidade do amor da terra natal, o formoso quadro da heroicidade de aventureiros argonautas, de intrepidos guerreiros.

E não é só a elegancia, não é só a inspiração de um nobre sentimento, o que avulta neste escripto; encanta-me tambem a propriedade da expressão, qual, por exemplo, póde notar-se na seguinte passagem: = «A pique esperam os nossos pela viração. Tão depressa ella enruga as vagas, como afanosamente é aproveitada nos traquetes, e as náos vão dar fortemente sobre os moiros.» = (pag. 25.)

(1) Os leitores que pretenderem verificar a fidelidade da minha traducção, vejam: *A Gallii Noctium Atticarum Commentarius*. Lib. IV. Cap. III.

As conquistas não foram duradouras; mas é consolador o podermos dizer com o sr. Marx de Sori: = «Percorram os areiaes da Africa, visitem os palmares da Asia, admirem as florestas da America, ou naveguem por entre as ilhas da Oceania, que em toda a parte, ou seja no padrão de pedra, na cruz do templo, na muralha da fortaleza, no nome do descobridor, ou na linguagem do povo, por toda a parte hão de encontrar vestigios da passagem de nossos avós, dizendo — honra ao nome portuguez!» =

Lisboa, 25 de setembro de 1867.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

Collecção dos livros classicos portuguezes, que se acham reimpressos e á venda na livraria do editor, rua Aurea n.º 132; Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram, obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam publicados em beneficio da litteratura portugueza, por F. Joaquim Santa Rosa de Viterbo, 2.ª edição, revista, correcta e copiosamente addicionada de novos vocabulos, observações, notas criticas e um indice remissivo, pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, 2 vol, in-folio a duas columnas, 4\$000 réis — Historia de um Domingos particular do reino e conquistas de Portugal, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. in-4.º 7\$200 — Chronica da Companhia de Jesus, pelo Padre Simão de Vasconcellos, addicionada com as noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas do Brazil e o poema á Virgem Maria, pelo Padre José Anchieta, contendo mais 7 cartas, escriptas do Brazil para Portugal, pelo Padre Manuel Nobreza, 2 vol. in-4.º 1\$800 — Trabalhos de Jesus, compostos pelo veneravel Padre Fr. Thomé de Jesus, 5.ª edição, mais correcta que as antecedentes, acompanhada da vida deste servo de Deus e da carta do mesmo veneravel Padre á nação portugueza, 2 vol. in-4.º 1\$800 — Origem e orthographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes de Leão, obra util e necessaria assim para bem escrever a lingua portugueza como a latina ou quaesquer outras que da latina tem origem, com um tratado dos pontos das clausulas, 1 vol. in-8.º 500 réis — Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire (o Candido Luzitano), em 3 partes: a 1.ª trata do valor das palavras e correcção da grammatica; a 2.ª trata do que pertence á pronunciação, e a 3.ª comprehende illustrações e additamentos ás partes 1.ª e 2.ª, 3 vol., 720 réis — Historia Insulana das Ilhas a Portugal, sujeitas no oceano occidental, composta pelo Padre Antonio Cordeiro, para confirmação dos bons costumes assim moraes como sobrenaturaes dos nobres antepassados Insulanos, nos presentes e futuros descendentes seus, só para salvacão de suas almas e maior gloria de Deus, 2.ª edição, annotada pelo exm.º sr. Deão da Sé do Funchal, 2 vol. in-4.º, 2\$000 réis — Memorial das proezas da segunda tavola redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos ao mui alto e mui poderoso rei D. Sebastião, primeiro deste nome em Portugal nosso Senhor, impressa pela primeira vez no anno de 1567, 1 vol. in-4.º, 1\$000 réis — Justa aclamação do serenissimo rei D. João IV, tratado analytico composto pelo dr. Francisco Velasco Gouvêa, 1 grosso vol., 1\$000 réis — Viriato Tragico, poema heroico em 20 cantos, de Braz Garcia de Mascarenhas, 2 vol. encadernados em 1, 1\$200 réis.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais: Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Theouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.